

# Compreendendo o Desenvolvimento Espiritual e a Experiência de Fé de Estudantes Universitários no Campus Adventista

**T**odo professor de educação superior adventista gostaria de ver seus alunos desenvolverem uma fé madura e um sólido sistema de valores, incluindo compromisso para com Jesus Cristo, Sua Palavra, a Igreja Adventista e um estilo de vida no qual eles vivem os princípios do Reino do Céu. Mas como é que isso acontece? Como é que os adolescentes e jovens desenvolvem sistemas de valores e compromissos que valem a pena, que haverão de resistir as pressões pelas quais terão de passar? Se compreendermos melhor o processo da formação de valores, poderemos escolher as estratégias que provavelmente ajudarão nesse processo.

Lamentavelmente, o método para o qual mais naturalmente nos voltamos não é a maneira principal pela qual o desenvolvimento espiritual ocorre — isto é, dizer aos jovens o que é certo e o que é errado, esperando que eles incorporem essas

observações no seu caráter. A Bíblia nos diz: “Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-se e ao levantar-se.” Deuteronômio 6:7. Contudo, isso significa muito mais do que fazer sermões. Isso requer o relacionamento íntimo e exemplar de pai para filho. Voltaremos a esse ponto mais tarde.

Um dos estudos mais antigos sobre o desenvolvimento de caráter foi feito na década de 1920 por Hugh Hartshorne e Mark May, da Columbia University. Eles cuidadosamente testaram e observaram 11.000 jovens nas áreas de enganar, prestar serviço e manter controle próprio. Não encontraram relacionamento algum entre os testes comportamentais de honestidade ou serviço e estar exposto a escolas dominicais, clube de escoteiros ou classes de educação de caráter. Concluíram que a instrução religiosa direta exercia pouca influência no

comportamento moral e que meramente sugerir comportamento honesto e discutir padrões e ideais não faz com que a conduta automaticamente se mantenha sob controle.<sup>1</sup> Pesquisas posteriores, de um modo geral, confirmam essa conclusão.

Coerção é ainda menos eficaz. Muitas vezes pensamos que devemos convencer os jovens a fazer o que é certo. Se eles parecem “um pouco surdos”, somos tentados a aplicar pressão. Afinal, pensamos nós, estamos fazendo isso para o seu próprio bem. Podem não gostar disso agora, mas algum dia haverão de nos agradecer. Porém, a coisa simplesmente não funciona assim.

*A palavra valor significa não apenas um produto de valor (aquilo que valorizamos) mas também um processo (o método pelo qual chegamos àquilo que valorizamos). Esse processo começa na infância e continua durante toda a vida. Estamos*

constantemente designando valor relativo a coisas ou conceitos tais como riqueza, beleza, poder, popularidade, felicidade, altruísmo, realizações, liberdade, segurança, aventura, paz de espírito, ... salvação [e doutrinas e padrões da igreja]. Fazemos isso não em termos abstratos mas ao colocarmos tais valores em ação nas situações que surgem no decorrer do dia a dia.<sup>2</sup>

Para designar valor relativo é necessário que se examine todas as opções ao nosso dispor, deliberadamente pesando seus respectivos méritos. Os valores, em outras palavras, não são *recebidos* passivamente; eles são *desenvolvidos* ativamente. Uma pessoa não pode forçar outra a adotar seus valores. Raths e outros sugerem que o processo de desenvolvimento de valores tem sete passos necessários: (1) escolher livremente, sem coerção alguma, (2) selecionar dentre alternativas reais, (3) escolher depois de haver considerado com cuidado as conseqüências de cada alternativa, (4) entesourar e gostar da escolha que fizemos, (5) estar disposto a afirmar a nossa escolha em público, (6) agir sobre a nossa escolha e (7) repetir a ação de tal forma que essa se torna parte do nosso padrão de vida. A menos que esses sete critérios estejam presentes, podemos “falar” acerca de valores e mesmo fazer de conta que estamos agindo sobre eles, mas na realidade não temos um compromisso forte e duradouro que fará com que nos apeguemos a eles ainda que os céus desabem.<sup>3</sup>

O processo de valorização pode ser organizado sob três categorias: (1) cognitivo, ou racional, (2) afetivo, ou de atitude e (3) comportamental, ou de ação. Examinemos rapidamente cada uma dessas áreas.

### **O Componente Cognitivo**

O comportamento baseado em princípio e a maturidade da fé ocorrem como resultado de raciocínio moral cuidadoso. Princípios e conceitos são assimilados somente depois de passarem o escrutínio de um exame pessoal e forem desafiados. Sem qualquer floreio, o desenvolvimento espiritual não ocorre sem que tenha lugar o pensamento crítico.

### **Criando um Clima que Estimula o Pensamento**

O estudo Valuegenesis, de vasta repercussão, inclui uma escala para medir o “clima de pensamento” das congregações locais. A mesma escala foi usada para jovens de idade universitária num estudo que durou 10 anos na Divisão Norte-

Americana. De modo geral, nossas igrejas receberam nota baixa em encorajar o pensamento — e os jovens de idade universitária foram ainda mais pessimistas que o grupo de faixa etária mais jovem. Seria interessante saber que nota os alunos dariam para suas classes universitárias, cultos e igrejas no campus, pois o estudo Valuegenesis revelou que as percepções dos jovens a respeito do clima de pensamento dentro da igreja era um preditor importante de maturidade da fé, lealdade denominacional e da intenção de continuar sendo adventista até a idade de 40.<sup>4</sup>

Manter um clima que estimula o pensamento é essencial no desenvolvimento da fé, pois realmente não podemos “transmitir” valores para os nossos jovens. Em nossa ansiedade ao ver os nossos jovens “perdendo o rumo” e em nossa compulsão por “fazer algo”, podemos enganar-nos a nós mesmos pensando que podemos transferir importantes valores diretamente do nosso coração para o coração deles. Mas um valor não pode ser passado de uma pessoa para outra. Podemos unicamente ajudar a geração mais jovem a compreender o processo e adquirir as habilidades e ferramentas para tornar possível o desenvolvimento do seu próprio sistema de valores. Visto sob esta luz, os verdadeiros valores, o compromisso de fé e o comportamento ético estão muito mais relacionados com liberdade e escolha do que com obediência e conformidade. Na realidade, o comportamento baseado em princípio às vezes leva à desobediência, assim como aconteceu com os apóstolos e com os mártires cristãos no decorrer dos séculos.

A liberdade da qual falamos, contudo, é responsável. Nunca é anarquia, rebeldia ou simplesmente oposição. Rollo May sugere que “a liberdade é a capacidade do homem de participar do seu próprio desenvolvimento. É a nossa capacidade de moldar-nos a nós mesmos”.<sup>5</sup> May cita Goethe: “Apenas ganha sua liberdade e existência aquele que as conquista diariamente.”<sup>6</sup>

O sucesso da educação de valores e desenvolvimento espiritual encontra-se em ajudar os jovens a ganhar o poder para *fazer* a valorização. Como preparo para ser adulto responsável, os adolescentes e jovens devem aprender a experimentar os valores como algo real e vantajoso *para si mesmos*. Nosso alvo deve ser produzir adultos que são “fortes para pensar e agir”, que são “senhores e não escravos das circunstâncias” e que “possuam amplitude de espírito, clareza de pensamento e

coragem nas suas convicções”.<sup>7</sup>

Jamais esquecerei da minha professora da 6ª série. A maior parte daquele ano está obscura na minha mente depois de todos esses anos, mas a professora tinha uma expressão predileta que até hoje permanece em minha mente. Quando ela fazia uma pergunta (e havia apenas uma resposta correta para cada uma das suas perguntas) e o aluno (às vezes Roger) respondia: “Bem, ... eu penso ...”, ela geralmente interrompia dizendo: “E quem lhe deu permissão para pensar?” Ainda hoje a mensagem é clara: “Seu dever é aprender a matéria e recitá-la quando solicitado. Suas cogitações pessoais não são necessárias nem desejadas. Isto aqui é escola!”

---

*Como é que os adolescentes e jovens desenvolvem sistemas de valores e compromissos que valem a pena, que haverão de resistir às pressões pelas quais terão de passar?*

---

Admito que esse é um caso extremo e que a maioria dos educadores de jovens não são tão diretos. Mas em maneiras mais sutis, é exatamente essa a mensagem que muitos da geração mais adulta têm comunicado aos jovens a respeito do desenvolvimento da mente dos jovens e seus valores morais. Precisamos dar valor ao pensamento de cada um, ou não poderemos transmitir aquele um valor que torna possível a aquisição de todos os demais.

### **Conseguindo um Senso de Identidade**

Assim como outros teóricos, James Marcia vê a seleção de valores como o processo de conseguir a identidade. Durante a transição de criança para adulto, uma das tarefas principais é a de formar um senso de identidade pessoal. “Quem sou eu?” é a pergunta existencial. O jovem deve descobrir ou esclarecer seus valores religiosos, relacionamentos interpessoais, alvos vocacionais e seu potencial como parceiro no casamento, enquanto desenvolve ao mesmo tempo sua filosofia de vida. É necessário uma busca profunda

para combinar essas áreas de maneira autêntica.

James Marcia propõe quatro estágios da identidade que descrevem as diferentes maneiras como os jovens lidam com essa tarefa crucial.<sup>8</sup> Seus quatro estágios baseiam-se nos conceitos de *crise* e *compromisso*. “Crise” neste caso refere-se ao desafio para com a maneira existente de construir a realidade, que resulta em dissonância cognitiva e motiva a pessoa a explorar funções e ideologias alternativas e competitivas para reduzir a dissonância. “Compromisso” refere-se ao ato de escolher dentre alternativas competitivas uma maneira de organizar e compreender a realidade, e então prender-se a essa escolha de tal forma que não se reverta com facilidade. Os quatro estágios são:

- *Difusão da identidade*, quando os adolescentes não têm compromisso pessoal e não experimentaram uma crise que faça com que eles procurem uma causa para adotar. Podemos dizer que eles não encontraram e não estão procurando.

- *Clausura da identidade*, quando os adolescentes estão comprometidos com uma certa série de crenças, freqüentemente como resultado da influência dos pais, e não estão dispostos a examinar ou questionar suas convicções atuais. Eles nunca enfrentaram o desafio de uma crise ou recusaram entrar em qualquer processo que acabe com sua realidade confortável. De acordo com Morgan, muitos jovens congelam ou cristalizam suas atitudes de tal forma que raramente mudam mais tarde. É assim que eles enfrentam a dissonância cognitiva.<sup>9</sup> Na realidade, dizem: “Minha mente está decidida; não me venha confundir com

fatos.” Embora tais jovens pareçam ter fortes convicções, na realidade seus valores pertencem a outra pessoa. Sendo que não assimilaram seus valores, provavelmente não conseguiriam enfrentar um teste real no mundo desprotegido.

- *Moratória da identidade*, quando os adolescentes estão em estado de crise, o que eles procuram resolver mediante cuidadoso exame das diversas opções. Ainda não fizeram um compromisso, mas estão a caminho.

- Finalmente, *realização da identidade*, quando os adolescentes já passaram pela crise. Eles enfrentaram os desafios, cuidadosamente consideraram suas opções e propositalmente escolheram as respostas baseadas na evidência. Seu compromisso é estável porque seus valores foram assimilados.

Alguns estudos indicam que a grande maioria dos estudantes chega à universidade na fase de difusão ou de clausura.<sup>10</sup> Para intensificar o desenvolvimento espiritual e a maturidade da fé dos estudantes, a universidade adventista deve animá-los a mover adiante a fim de atingirem a moratória e a identidade responsável.

Isso significa que “devemos não apenas permitir mas incentivar os adolescentes a questionar nossas declarações de valores. ... *Devemos* fazer com que os adolescentes levantem perguntas, identifiquem questões e raciocinem como chegar à solução, senão eles chegarão à idade adulta com uma série de valores que facilmente desmoronam e desaparecem numa crise porque eles nunca estiveram pessoalmente comprometidos com os mesmos”.<sup>11</sup>

Será que isso significa que o nosso legado

de nada vale? Os jovens têm que começar do zero sem o benefício da sabedoria dos séculos? É certo que não! R. May coloca a situação em perspectiva ao mostrar que a batalha não é entre liberdade individual e tradição (aqui significando qualquer coisa que recebemos da geração anterior); mas em como *usar* a tradição. A pessoa autoritária pergunta: “O que a tradição ... requer de mim?” A pessoa livre pergunta: “O que a tradição pode me ensinar a respeito da vida humana, em meu tempo particular e com meus problemas?”<sup>12</sup>

### **Promovendo Amadurecimento Mental e Moral**

Podemos ajudar nossos estudantes a avançarem em seu amadurecimento de fé usando estratégias baseadas em teorias de desenvolvimento cognitivo da formação moral. Talvez a mais conhecida e mais bem pesquisada dentre elas seja a de Lawrence Kohlberg.<sup>13</sup> Ele propõe três níveis de desenvolvimento moral:

- *O nível pré-convencional*, em que o controle da conduta é externo, tanto em termos dos padrões em si como da motivação para obedecê-los (punição/recompensa);

- *O nível convencional*, em que o controle da conduta é externo, baseado em padrões estabelecidos por outras pessoas. Porém, a motivação é grandemente interna, pois o jovem identifica-se com outras pessoas importantes; e

- *O nível pós-convencional*, em que o controle da conduta é interno, pois os padrões emanam da fonte de uma consciência iluminada, e a motivação para agir é baseada em processos internos de pensamento e julgamento. Nesse nível, os valores morais têm validade mesmo quando separados da autoridade dos grupos ou pessoas que os mantêm.

Cada nível é dividido em duas etapas. Os seis níveis definem progressivamente as motivações mais maduras que formam a base para o comportamento moral.

Contudo, embora o desenvolvimento cognitivo mais avançado seja requerido para as etapas mais elevadas do raciocínio moral, ele em si não é o suficiente. Jovens e adultos podem ser capazes de pensar em termos abstratos e assim mesmo não avançarem para etapas morais mais elevadas. A tarefa do professor ou facilitador é estimular os jovens a avançarem para etapas mais elevadas de raciocínio moral para as quais eles são capazes, levando em consideração seu desenvolvimento cognitivo.

A ferramenta mais comum para essa tarefa é o dilema moral — “uma situação de conflito, em que o que é certo ou o que é

errado não está claro ou óbvio".<sup>14</sup> Depois de escolher dilemas que sejam relevantes à experiência dos participantes, esses são apresentados ao grupo oralmente, por escrito ou através de comunicação gráfica. A situação deve apresentar declarações conflitantes que envolvam questões éticas e morais. Em cada caso, mais de um resultado razoável é possível. Durante a discussão que segue a apresentação, os participantes devem ser encorajados a propor soluções e fornecer apoio para seus pontos de vista. Se existir pouca discordância, o facilitador pode complicar o dilema acrescentando outros fatores através de perguntas que começam com "E se ...?" O líder questiona as declarações vagas a fim de forçar os participantes a afiarem seus pensamentos.

Por que tais discussões estimulam crescimento? Quando um grupo de estudantes responde a um dilema moral, é natural que eles ofereçam diferentes conceitos do que é certo e do que é errado. Ao partilharem diversas opiniões morais, são forçados a esclarecê-las e reiterarem suas próprias posições morais ou integrarem as opiniões dos outros em suas próprias crenças. Esse compartilhar do arrazoamento moral também força cada participante a experimentar conflito ou desequilíbrio ao ver suas idéias sendo desafiadas pelas crenças dos outros. Tais conflitos provêm um ambiente ideal para o crescimento moral, pois quanto mais a criança ou jovem está exposta ao pensamento de uma etapa mais elevada, tanto mais disposta ela estará a chegar àquela etapa.<sup>15</sup>

### O Componente Afetivo

Embora o raciocínio moral seja fundamental para o desenvolvimento espiritual e a maturidade da fé, ele não é tudo. O componente afetivo ou de atitude é também crucial. Como *sente-se* o aluno a respeito das verdades apresentadas? Pensa que são positivas, ou negativas? Amedrontadoras, ou confortadoras? Atrativas, ou repulsivas? Cheias de esperança, ou de desespero?

*Se compreendermos melhor o processo da formação de valores, poderemos escolher as estratégias que provavelmente ajudarão nesse processo.*

Conquanto a comunicação da informação seja certamente importante no ambiente da faculdade, quando se trata de transmissão de valores as atitudes que os professores instilam são ainda mais importantes. Ao procurarmos ajudar nossos alunos na sua jornada rumo à maturidade da fé, devemos tratar do assunto por meio do esquema de relacionamentos.

Primeiro, e central, é o relacionamento com Deus como Pai amável e Amigo. Jesus atingiu o âmago da religião quando disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento." (Mateus 22:37 e 38.)

Emanando desse relacionamento principal, a religião trabalha em nosso relacionamento interior, eliminando ansiedade e tensão e trazendo harmonia e paz de espírito. Jesus falou disso quando disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

Desse relacionamento duplo com Deus e conosco mesmo emana um novo relacionamento com nossos semelhantes. O segundo maior mandamento é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:39.) O verdadeiro cristianismo é caracterizado pela compaixão e preocupação pelos outros. O tema da preocupação pelos nossos irmãos e irmãs permeia a Bíblia, desde os clamores por justiça dos profetas do Antigo Testamento, até os ensinamentos éticos de Jesus e as instruções detalhadas na última parte das epístolas paulinas. Quando Cristo discutiu o grande dia do juízo, Ele "apresentou sua decisão como girando em torno de um ponto. Quando as nações se reunirem diante dEle, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que houverem

feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofrendores".<sup>16</sup> Em todas as três dimensões de relacionamento, o ensino mais eficaz vem da vida do professor. Ao exemplificar o que significa viver através de relacionamentos, em vez de prescrever e ditar

comportamentos, ajudamos os jovens a desenvolver sistemas de valores positivos.

O estudo Valuegenesis demonstrou que transmitimos mais eficazmente uma orientação baseada na graça quando criamos um ambiente caloroso e de aceitação nas nossas congregações locais, e empregamos professores compassivos no nosso sistema escolar. Podemos aprender melhor a respeito da graça e aceitá-la quando mantemos relacionamentos calorosos, de apoio com pessoas que demonstram estar cheias da graça. Uma das principais tarefas durante os anos vindouros é instruir nossos professores e líderes de congregações a serem esse tipo de pessoa.

Gosto de pensar na transmissão de valores como um *smorgasbord* enorme no qual são servidos todo tipo de pratos tentadores com valores competitivos. Aqui os jovens eventualmente escolherão os itens que eles consideram mais atraentes. E quais escolherão eles? Aqueles que são mais coloridos e atrativos, mais delectáveis e saborosos! Não é nossa responsabilidade forçar nossos valores nos estudantes. Mas, sim, é nossa responsabilidade exemplificar nossos valores tão atraentemente que os estudantes possam ver que esses valores são imensamente superiores na competição, e assim escolham adotá-los de livre e espontânea vontade.

### O Componente do Comportamento

Como vimos, o desenvolvimento espiritual e a maturidade da fé dependem do raciocínio moral considerado, que envolve escolher livremente entre alternativas viáveis após consideração cuidadosa das conseqüências. Envolve também uma atitude de transformação que leva o indivíduo a apreciar e cultivar os valores escolhidos, e exibi-los livremente aos outros sem envergonhar-se.

Mas existe ainda mais. Qualquer

pregador sem nunca pregar um sermão sequer? Aprender a ser professor sem nunca entrar numa sala de aula? Em área alguma é esse princípio mais verdadeiro do que no desenvolvimento de uma fé madura.

Portanto, precisamos promover atividades tais como o nosso programa de estudantes missionários, unidade de serviço jovem, experiências

a curto prazo como do grupo Maranatha, feira jovem, testemunho na rua, laboratórios bíblicos, grupos de testemunho musical, grupos de testemunho através da ginástica, reuniões evangelísticas da Voz da Mocidade, grupos de oração, equipes de temperança, programas de tutela como irmã ou irmão mais velho e centenas de outras maneiras que permitam aos jovens viverem sua fé. Essas têm sido para muitos de nós experiências que mudaram nossa vida. Quando partilhamos nossa fé ativamente, ela se aprofunda.

Finalmente, precisamos lembrar de que a maturidade da fé não é algo estático — um apogeu que atingimos de uma vez por todas. Pelo contrário, é algo dinâmico. *Madura* e *imatura* não são categorias separadas; pelo contrário, maturidade é um ato contínuo que envolve todos nós — alguns um pouco a frente de outros, mas sem que nenhum tenha alcançado o alvo de tal forma que não haja espaço para crescimento. Uma vida inteira não é longa demais para fazer essa jornada. É nosso privilégio partilhar essa visão e essas atitudes com nossos alunos. Devemos equipá-los para serem adultos de princípio que vivem em comunhão com

*Os valores, em outras palavras,  
não são recebidos passivamente;  
eles são desenvolvidos ativamente.*

Deus, que experimentam serenidade interior e que se tornam uma bênção para seus companheiros porque estão comprometidos com o amor e a justiça. ☞

---

*Dr. Roger L. Dudley é diretor do Instituto de Ministérios da Igreja e professor de Ministério Cristão na Andrews University, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Este artigo é baseado na sua apresentação no Adventist Higher Education Summit, realizado em Loma Linda, Califórnia, E.U.A., em março de 1997.*

---

#### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Para um resumo do relatório de Hartshorne e May, ver Roger L. Dudley, *Passing on the Torch: How to Pass Religious Values to Young People* (Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 1986), págs. 79-82.
2. Idem, pág. 14; as palavras entre chaves foram acrescentadas ao original.
3. Louis E. Rath, Merrill Harmin e Sidney B. Simon, *Values and Teaching* (Columbus, Ohio: Charles E. Merrill, 1996), págs. 27-48.
4. Para um relatório completo sobre o estudo Valuegenesis, ver de Roger L. Dudley e V. Bailey Gillespie, *Valuegenesis: Faith in the Balance* (Riverside, Calif.: La Sierra University Press, 1992).
5. Rollo May, *Man's Search for Himself* (New York: W. W. Norton, 1953), pág. 160.
6. Idem, pág. 168.
7. Ellen G. White, *Educação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), pág. 18.
8. Para um resumo e discussão sobre a teoria de Marcia, ver de John Van Wicklin, Ronald J. Burwell e Richard E. Butman, "Squandered Years: Identity Foreclosed Students and the Liberal Education They Avoid", no livro de D. John Lee e Gloria Goris Stronks, eds., *Assessment in Christian Higher Education: Rhetoric and Reality*, págs. 75-102 (Lanham, Md.: University Press of America, Inc., 1994). Para uma teoria de etapas no desenvolvimento da identidade, ver de Erik H. Erikson, *Identity: Youth and Crisis* (New York: Norton, 1968).
9. Ver de Clifford T. Morgan, *A Brief Introduction to Psychology* (New York: McGraw-Hill Book Company, 1977), pág. 392.
10. Van Wicklin e outros, págs. 82-84.
11. Dudley, *Passing on the Torch*, pág. 66.
12. May, pág. 209.
13. Lawrence Kohlberg e Elsa R. Wasserman, "The Cognitive-Developmental Approach and the Practicing Counselor", *The Personnel and Guidance Journal* 58:9 (Maio 1980), págs. 560 e 561.
14. Peter Scharf, William McCoy e Diane Ross, *Growing Up Moral: Dilemmas for Intermediate Grades* (Minneapolis, Minn.: Winston Press, 1979), pág. 31.
15. Ibidem.
16. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), pág. 637.